

FILOSOFIA, HERMENÊUTICA E PLATONISMO: LEITURAS DE GUIMARÃES ROSA POR BENEDITO NUNES

*PHILOSOPHY, HERMENEUTICS AND PLATONISM: BENEDITO NUNES’
READINGS OF GUIMARÃES ROSA*

Fabrício Lemos da Costa¹, Sílvio Augusto de Oliveira Holanda²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo refletir sobre os escritos do filósofo e crítico literário Benedito Nunes em relação à obra do escritor brasileiro João Guimarães Rosa. Para isso, abordaremos o aspecto que o coloca como estudioso da relação entre a ficção rosiana e a filosofia platônica, uma espécie de “polifonia” das ideias do pensador grego nas várias narrativas de Rosa. Consideramos, nesse sentido, Nunes como fundamental na recepção crítica, desde o aparecimento do ficcionista mineiro no cenário literário brasileiro, sendo importante, portanto, no terreno da crítica, assim como na formulação das primeiras leituras hermenêuticas, principalmente em torno das novelas do autor de Cosdirburgo.

PALAVRAS-CHAVE: Benedito Nunes. Guimarães Rosa. Filosofia. Platonismo. Hermenêutica.

ABSTRACT: This article aims at reflecting upon the writings of philosopher and literary critic Benedito Nunes related to the Brazilian writer João Guimarães Rosa’s work. Therefore, it approaches the aspect which places the former as a researcher of the relation between the Rosean fiction and Plato’s philosophy, a sort of ‘polyphony’ of the Greek philosopher’s ideas within the variety of Rosa’s narratives. Nunes is thus considered as essential for the critical reception, since the appearance of the fictional author in the Brazilian literary scenario, being then important in the critics area, as well as on the formulation of the first hermeneutic readings, mainly about the Cosdirburgo author’s romances.

KEY-WORDS: Benedito Nunes. Guimarães Rosa. Philosophy. Platonism. Hermeneutics.

“O ato fundamental no modo de ser do homem é que ele
compreende previamente o ser e a essência das coisas”

Ser e Verdade, Heidegger

“Benedito Nunes é um tesouro nacional, guardado na Amazônia
há décadas. Digo “guardado”, e não “escondido”, como
costumam ser os tesouros.”

Leyla Perrone-Moisés

¹ Especialização em Produção de Material Didático e Formação de Mediadores de Leitura para EJA pela Universidade Federal do Amapá, Brasil(2016)Professor do Governo do Estado do Amapá , Brasil

² Doutorado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo, Brasil(2000) Professor Associado IV da Universidade Federal do Pará , Brasil.

Edoardo Bizzarri, tradutor italiano de Guimarães Rosa, em carta de 21 de Novembro de 1963, endereçada ao autor mineiro, a propósito de sua tradução da obra de Rosa para a língua italiana, menciona o nome do filósofo e crítico paraense Benedito Nunes, naquela altura já consagrado no cenário da crítica nacional, sobretudo em contribuições no Suplemento Literário do *Jornal do Brasil*, cujo mentor foi Mário Faustino, *Suplemento de Minas*, *Província do Pará* e *O Estado de São Paulo*. Bizzarri, na carta, faz referência ao artigo de Benedito Nunes sobre a tradução francesa de *Corpo de Baile*, recém publicada. Bizzarri adjetiva por meio de Nunes toda a recepção crítica dos textos que iam sendo publicados, assim como as traduções em jornais. Vejamos o comentário:

São Paulo, 21 de Novembro de 1963

Meu caro Guimarães Rosa,

Recebi, em devido tempo, os esclarecimentos relativos ao 3º rol de “dúvidas”, e a sua carta, bondosa em excesso. Me deixou até perturbado. Obrigado por tudo; mas deixe de lado, por favor, as apreciações elogiosas sobre o tradutor Bizzarri: me dão complexo de culpa, pensando no que resultará da tradução de *Corpo de Baile*. *Os Benedito Nunes não me amedrontam*; o que desde já, me entristece, é o fato de certamente decepcionar o Amigo. (BIZZARRI, 1981 p. 56, grifo nosso).

Atestado pelo tradutor italiano o “não amedrontamento” em relação a *Benedito Nunes*, que ele utiliza no plural, isto é, a crítica sempre atenta e profundamente “rigorosa” dos Suplementos literários, demonstra-nos a importância do rigor desse pensador, o qual durante muito tempo dedicou “páginas e muita tinta” à crítica da ficção de Guimarães Rosa. Assim, Benedito Nunes em seus livros de ensaios, percebemos a importância da obra do escritor de Cosdirburgo para o trabalho reflexivo do pensador amazônico, entre as obras³ que tratam da

³ Além das obras citadas, mencionamos outras em que Benedito Nunes elabora seu pensamento por meio da Filosofia, Cultura em geral, além de estudos voltados aos poetas paraenses, como Dalcídio Jurandir, Haroldo Maranhão, Marx Martins e Mário Faustino, assim como autores mais conhecidos do público brasileiro, como Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto e Fernando Pessoa. São elas: *Introdução à Filosofia da Arte*, *A Filosofia Contemporânea*, *O Drama da Linguagem: uma leitura de Clarice*

literatura de Rosa, destacamos: *O dorso do tigre* (1969), *Crivo de Papel* (1998), e mais recentemente *A Rosa o que é de Rosa: Literatura e Filosofia em Guimarães Rosa* (2013), livro póstumo, organizado por Victor Sales Pinheiro, cujo valor dá-se na reunião de todos os textos dedicados ao estudo de Guimarães Rosa nos Suplementos, inclusive ensaios que já haviam aparecido nos dois primeiros citados. Victor Sales Pinheiro em comentário à crítica de Benedito Nunes, sublinha:

Um autor dessa magnitude convoca uma leitura reflexiva, igualmente poética, capaz de penetrar na sua complexa estrutura, para poder compreender o projeto literário que o anima. Dotado de um apurado espírito filosófico, Benedito Nunes acompanhou de perto a obra de Rosa, sendo um dos seus primeiros e mais originais intérpretes, um interlocutor. (PINHEIRO, 2013, p.08).

Da reflexão crítica de Nunes, consideramos apenas o trabalho hermenêutico da influência de Platão na narrativa rosiana. Em relação à presença desse pensador grego, entendemos como uma espécie de “polifonia”, o qual a ideia platônica junta-se e cruza-se com outros pensadores, desde a Grécia antiga, os Evangelhos, filosofia oriental e outros mais modernos, como Bergson. Misturando-os, Rosa elabora-os em atividade de decifração, em que requer do intérprete um profundo conhecimento da história⁴ universal da filosofia, em suas matrizes ocidentais e orientais. O leitor, nesse sentido, tornar-se-á um hermeneuta em solo plural, redimensionando os personagens para além de regionalismos. É nesse valor “polifônico”, por exemplo, que Riobaldo, personagem central de *Grande Sertão: veredas*, colocar-se-á como um jagunço “filósofo”. Rosa, na carta de 25 de Novembro de 1963, ainda ao tradutor italiano Edoardo Bizzarri, explica:

Ora, você notou, decerto, que, como eu, os meus livros, em essência, são “anti-intelectuais” - defendem o altíssimo primado da intuição, da revelação, da inspiração, sobre o bruxolear presunçoso da inteligência reflexiva, da razão, a megera cartesiana. Quero ficar com o Tao, com o Vedas e Upanixades, com os Evangelistas e São Paulo, com Platão, com Plotino, com Bergson, com Berdiaeff-com Cristo, principalmente. (ROSA, 1981, p. 58, grifo nosso).

Lispector, Oswald Canibal, O Tempo na Narrativa, Hermenêutica e Poesia: o pensamento poético, Ensaios Filosóficos, Heidegger e Ser e Tempo, João Cabral de Melo Neto e a Máquina do Poema, No tempo do Nilismo e outros ensaios e A Clave do Poético.

⁴ Cf. Nunes, 2013, p. 269: “O mais corrente é o modo tópico, que se atém aos conceitos repertoriados pela história da filosofia, limitando-se a assinalar as suas incidências na expressão dos personagens ou na voz do narrador, sejam diretas, indiretas, alusivas, retrabalhadas segundo a forma particular do discurso narrativo, como as que prevalecem em Guimarães Rosa. Do tecido poético de sua prosa afloram diferentes conceitos filosóficos ou parafilosóficos, sempre pertencentes a troncos do pensamento metafísico e de ramificações religiosas.”

Dessa forma, como crítico, Benedito Nunes, realizou um instrumental de relação da filosofia com a literatura, uma transa como ele mesmo chamou em *Poesia e Filosofia: uma transa*. Nunes não aplicou apenas conceitos filosóficos à literatura, antes fez crítica filosófica, desenvolvendo, para isso, um enorme cabedal instrumental, no qual ecoa muitos pensadores. Segundo Nunes, “o movimento de vaivém da Filosofia à poesia e desta à Filosofia remonta à compreensão preliminar, languageira do ser no meio do qual nos encontramos.” (NUNES, 2009, p. 34). Tal compreensão, talvez justifique a facilidade que Nunes adentrou no mundo poético rosiano, um lugar que lhe projetara das muitas vozes, como relata o próprio autor mineiro nos Prefácios de *Tutameia*. Dentre as “vozes”, o filósofo conseguira capturar com muita facilidade a de Platão ou Neoplatonismo, leitor dedicado que era do pensador grego, o qual recebia desde muito jovem *diálogos*, de Platão, traduzidos por seu tio Carlos Alberto da Costa Nunes.

Da hermenêutica, Benedito Nunes (2014) em *De Sagarana a Grande Sertão: veredas*, pontua que de “explicitação aclaradora do sentido filosófico-religioso latente, implícito do texto, destacarei os mais relevantes do ponto de vista ocultista ou teosófico, seja pelo pioneirismo, seja pela completude interpretativa alcançada” (NUNES, 2014, p. 219). Nesse sentido, à maneira hermenêutica de abordar o texto literário, Platão ou o Neoplatonismo coexiste em Guimarães Rosa, em um processo de tradução para a linguagem ficcional, cujas influências emaranham-se pelo sertão rosiano. De acordo com Nunes, “Guimarães Rosa também traduzia filósofos, como Platão ou qualquer outro de seus prediletos” (NUNES, 2014, p. 218). Rosa, brincara com os filósofos, traduzia-os como fonte primária em “polifonia”, e para o sertão tudo convergia, numa linguagem oculta, por vezes hermética, em que o platonismo também auxiliava como “pilha filosófica”, da qual fala Nunes:

O que aos olhos dos eruditos seria uma contrafação tinha para ele, penso eu, o valor de um jogo de imaginação. Pilhando as fontes filosóficas, religiosas e míticas, apropriava-se, ou, segundo o seu modo de ver, traduzia-as ou retraduzia-as de um depósito comum do espírito humano, ou seja, eram essas fontes. (NUNES, 2014, p. 218).

A “tradução” ou “retradução” do neoplatonismo em Rosa, pode-se verificar tanto em obras literárias, como traçou o filósofo paraense em *Corpo de Baile*, por exemplo, quanto nos Prefácios de *Tutameia (Terceiras estórias)*. Nos Prefácios, Rosa parece desenvolver como hermeneuta da própria obra, aquilo que considerava a essência da interpretação, este se

tornara o leitor de si, cujo valor perfaz nos diversos pensadores invocados pelo autor nos Prefácios. Em *Aletria e hermenêutica*, Platão aparece: “A vida também é para ser lida. Não literalmente, mas em seu supra-senso. E a gente, por enquanto, só a lê por tortas linhas. Está-se a achar que se ri. Veja-se Platão, que nos dá o “Mito da Caverna.”⁵” (ROSA, 2017, p. 26). Rosa, pelo Livro VII da *República*, de Platão, inicia sua “tradução” hermenêutica, inserindo-a na chave que se propõe *Tutameia (Terceiras estórias)*, isto é, o riso e a ironia. No mesmo texto, expõe: “Platão é do contra, querendo que o erro seja positivo; aqui, porém, sejamos amigos de Platão, mas ainda mais amigos da verdade; pela qual aliás, diga-se, luta-se ainda e muito, no pensamento grego” (ROSA, 2017, p.30).

Benedito Nunes (2013) em *A Matéria Vertente*, (re)elabora a discussão da matéria da relação entre filosofia e literatura, na qual nos parece ser a chave “transacional”, termo cunhado por ele, para situarmos, hermeneuticamente, a ficção rosiana. À luz de Platão, o pensador paraense entende o diálogo dessa matéria, entendendo-a como reflexão abrangente, tal como um emaranhado de palavras encadeadas ao jogo dos conceitos, tal relação, “deve partir de um dos dados da consciência filosófica atual: o enraizamento da filosofia na linguagem” (NUNES, 2013, p. 171). A linguagem, dessa forma, intercruza-se com a filosofia, coexistem. Ainda segundo Nunes:

A filosofia é reflexão crítica abrangente, que se sabe condicionada a estruturas verbais da língua, a metáforas e aos mecanismos retóricos do discurso. Antes de ser intuição poética à luz dos conceitos, o diálogo da alma consigo mesma, que foi como Platão entendeu o pensamento, a reflexão filosófica é um discurso encadeando palavras. (NUNES, 2013, p. 171).

Ressaltamos, que Nunes, ao instrumentalizar com Platão a obra rosiana, não o faz com intenções de prática de incorporação de conceitos, como já foi dito anteriormente, traça-o a partir das projeções que o próprio texto apresenta como possibilidade, afinal, “o que deve interpretar-se num texto é uma proposta de mundo, o projeto de um mundo que eu poderia habitar e em que poderia projetar os meus possíveis mais próprios” (RICOEUR, 1989, p. 62). Para tanto, o filósofo utiliza-se da hermenêutica como caminho de compreensão das possibilidades da “voz” platônica em Rosa. Benedito Nunes, crítico dos suplementos literários, desde o início mostrou ao público o valor estético das narrativas do autor diplomata, ajudou a inscrever no juízo da crítica e o “horizonte de expectativa” da obra. Do horizonte,

⁵ Cf. Sperber, 1976, p. 65: “Os principais conceitos platônicos assinalados por Rosa, aparentemente, referem-se ao mito da caverna, ao conceito do amor que, decaído, perde suas asas e à crença na alma antes do nascimento e depois da morte.”

entendemos “a maneira pela qual uma obra literária, no momento de sua aparição, atende, supera, decepciona ou contraria as expectativas de seu público inicial” (JAUSS, 1994, p.31).

Guimarães Rosa, como pensa Nunes, parafraseia Platão, arranca-o do seio filosófico, do mundo dos conceitos, e coloca-o no discurso de personagens como Riobaldo. O pensamento platônico, como a tragédia grega em muitos contos de *Primeiras estórias*, sofre o processo de “aclimatação”. Para a linguagem, os mundos sensíveis e inteligíveis convergem para os gerais. Rosa, para isso, interpreta, realiza o esforço hermenêutico, “lembramos a frequência profusa, que estonteia o intérprete, de alusões a Platão e a Plotino, quando não a fragmentos de Heráclito e a passagens do saber hermético-alquímico, parafraseados e parodiados no torrencial monólogo de *Grande Sertão: veredas*” (NUNES, 2013, p. 270). Para este sertão, que “escoa” a filosofia pelo discurso dos personagens, Luiz Costa Lima (1969) em *Por que Literatura*, argumenta:

O sertão então se transmuda. Ele não é apenas a geografia em que pisara, mas a geografia ao dispor do homem. O sertão não é apenas mineiro, é o caminho da criatura. É o cosmos humanizado. Cosmos que não se vê ou se imagina de fora, pois que é dito por alguém cercado por ele, nele submerso e procurando direção. (LIMA, 1969, p.75).

Em diálogo com Luiz Costa Lima (1969) em *Por que Literatura*, Nunes argumenta o sertão a partir do “*topoi do pensamento*”, no qual são “desprendidos de um enorme bloco da linguagem filosófica, que liga o neoplatonismo à Patrística”. (NUNES, 2013, p. 160). No interior desse sertão, portanto, é que o platonismo coexiste, ao lado de outras “vozes”, como o próprio Rosa menciona. Nunes soubera utilizar o instrumental, aproximando as teorias filosóficas do pensamento de personagens, que por vezes, confundem-se como verdadeiros filósofos ao céu do gerais. Em *Caos e Cosmos: leituras de Guimarães Rosa*, Suzi Frankl Sperber (1976), desenvolve o traçado das influências em obras fundamentais de Guimarães Rosa, como *Corpo de Baile* e *Grande Sertão: veredas*. Para tanto, Sperber confirma a necessidade hermenêutica da obra rosiana à luz do “polifônico” manancial que emerge dos vários enredos, o qual Nunes como hermeneuta mostrou-se interessado. Assim, segundo Sperber:

Desde a publicação de *Sagarana*, mas sobretudo depois de *Corpo de Baile* e com *Grande Sertão: veredas*, surgiram estudos críticos destas obras, que as aproximaram

a teorias filosóficas: a Platão e Plotino, sobretudo. O próprio Guimarães Rosa não só confirmou tais influências, como propôs outras. Em carta a Vicente Ferreira, por exemplo, citou Berdiaeff, Bergson, Jaspers, Kierkegaard, Cristo (portanto o *Novo Testamento*). Também Dunne foi citado por Guimarães Rosa, nesta carta. Dentre os estudos deste tipo, tomemos os de Benedito Nunes (SPERBER, 1976, p. 15).

Em exposição ao método de Nunes, Sperber realiza o mesmo caminho reflexivo, desenvolvendo-se a partir da hermenêutica. Assim, encabeçando por meio do próprio texto as marcas de tais teorias, como dissemos, Nunes não tem interesse apenas por conceitos filosóficos, como numa “caça às ideias” platônicas, ao contrário, por meio de seu conhecimento em relação ao platonismo, o crítico filósofo faz emergir da obra, que ele demonstra como quatro modos de efetuar-la, como o tópico, o instrumental e o nem instrumental nem histórico-filosófico, ou seja, uma reconstituição da filosofia inerente na obra. Nunes, considera a literatura de Rosa um “híbrido”, sendo impossível a completude daquilo que o crítico chama de “filosofia literária”, assim, se há platonismo, este se encontra em processo de hibridez. Nunes (2013) sublinha: “Guimarães Rosa identificou a literatura à poesia, a poesia à realidade e a religião à filosofia como metafísica. Um híbrido, a filosofia do poeta de *Grande sertão: veredas* é uma metafísica fragmentária concentrada nos vários e dispersos ‘módulos poéticos’ (NUNES, 2013, pp. 271-272). A partir do objeto literário, Nunes caracteriza o fenômeno que concentra a partir dos personagens na “metafísica fragmentária”, em que o platonismo dá-se em aproximação. Segundo Sperber (1976):

Benedito Nunes publicou uma série de cinco artigos, reunidos mais tarde em volume, com outros artigos, em que aproxima a obra de Guimarães Rosa a Platão, à alquimia, herdeira da tradição neo-platônica e hermético-mística (portanto também à *gnose*), ao Upanishad, a Plotino. A aproximação é filosófica. O objeto comparado é literário. A base principal para o cotejo é a citação de textos destes filósofos ou doutrinas em *Corpo de Baile*, tanto nas epígrafes, como no corpo das narrativas. Benedito Nunes explica as características de personagens como Lina, Nhorinhá, Otacília, Diadorim e outras. Examinando cada um dos cinco excelentes ensaios, notamos que o crítico estabelece suas isotopias básicas: uma é a filosofia; outra é a obra. A primeira isotopia explicaria a segunda, de modo a dar a conhecer o temário e as ideias do autor. (SPERBER, 1976, p. 15).

Nesse sentido, várias são os caminhos que levam a ficção rosiana à filosofia platônica, redimensionando-a nos enredos híbridos, sobretudo a partir dos personagens. O caminho primeiro dá-se na hermenêutica do próprio autor, como verificamos no Prefácio *Aletria e hermenêutica*, o segundo na obra em si mesma e a terceira no horizonte da recepção crítica, o

qual Benedito Nunes é digno representante. No *Urubuquaquá, no Pinhém*, Rosa, em formato de epígrafe, o qual se confirmaria em *Cara-de-Bronze*, fornece a chave ao leitor ao mencionar Platão revestido de Neoplatonismo, isto é, de Plotino: “O melhor, sem dúvida, é escutar Platão: é preciso” (ROSA, 2012, p.05). Em *Caos e Cosmos: Leituras de Guimarães Rosa*, capítulo “Platão”, Sperber argumenta: “Em diversas críticas e ensaios foram apontadas analogias entre a obra de Guimarães Rosa e o pensamento de Platão. Uma das razões prováveis desta hipótese terá sido a citação que o autor faz ele próprio, em *Cara-de-Bronze*, do texto de Platão.” (SPERBER, 1976, p. 65). Desse modo, as três vias que consideramos à existência de uma hermenêutica platônica em Guimarães Rosa, como cita Sperber, “o primeiro foi o conhecimento dos conceitos platônicos; o segundo foram os trechos sublinhados ou assinalados por Rosa nos livros que encontramos em sua biblioteca” (SPERBER, 1976, p.65), enquanto que o terceiro, entendemos, coloca-se no campo da formulação e recepção crítica, principalmente formulada pelo filósofo paraense, em boa parte devedor da filosofia de Martin Heidegger, no qual pensara sempre a hermenêutica do Ser, em que a linguagem⁶ tem lugar de destaque e para onde se move a vida humana, como explica Terry Eagleton em *Teoria Literária: uma introdução*, capítulo “ Fenomenologia, hermenêutica, teoria da recepção” :“Heidegger descreve seu empreendimento filosófico como uma ‘hermenêutica do Ser’: e a palavra ‘hermenêutica’ significa a ciência ou a arte da interpretação” (EAGLETON, 2006, p. 100).

Da linguagem como espaço da interpretação do sujeito no mundo, Nunes coloca todo o instrumental platônico, fazendo-se à maneira transacional, mas consciente que nessa transa, em Rosa, coexistem “muitas pernas e braços”, uma forma híbrida, que requer do intérprete o total domínio. Nunes, hermeneuta de primeira ordem, soube “mostrar, deixar aparecer, deixar ver e ouvir” (HEIDEGGER, 2004, p. 2002). Benedito Nunes, leitor de Paul Ricoeur, leu a obra rosiana, em *tête-à-tête* com o texto. Ao final, soube posicionar-se e destacar-se na Crítica e no pensamento brasileiro, utilizando-se de e recepcionando Rosa no interior do seu cabedal filosófico, que, como além de Heidegger, conhecia tão bem Platão, operava-o em Rosa, entretanto, não dando importância maior ao pensador grego que às narrativas do autor mineiro, porque “compreender-se é compreender-se em face do texto e receber dele as condições de um si diferente do que eu que brota do texto.” (RICOEUR, 1989, p. 42).

⁶ Cf. Eagleton, 2006, p. 96: “A linguagem para Heidegger não é um simples instrumento de comunicação, um recurso secundário para expressar ‘ideias’: é a própria dimensão na qual se move a vida humana, aquilo, que por excelência, faz o mundo ser”

Sperber, leitor de Nunes, por exemplo, compreendeu muito bem o pensador na seguinte passagem:

Ainda que haja aproximações possíveis entre temas platônicos e temas de *Grande Sertão: veredas*, este último apresenta-se eivado de uma série muito ampla de outras sugestões, influências e estímulos. O que nos importa notar, porém, é que não desaparece, nesta obra, a *presença bastante marcante da leitura da obra de Platão*. (SPERBER, 1976, p. 76, grifo nosso).

Por fim, consideramos que Benedito Nunes soube dizer, deixou sua marca na História da leitura de Guimarães Rosa no Brasil e no mundo. Tornou-se referência obrigatória em matéria de vertente poética e filosófica. O crítico filósofo, “o tesouro nacional”, (PERRONE-MOISÉS, 2009, p. 15), como fala Leyla Perrone-Moises no *Prefácio* à obra *A Chave do Poético* (2009), escolheu o *Caminho da Linguagem*, para citar a obra do filósofo que também recepcionou no Brasil, pois “o reino vigoroso da palavra consiste em dizer, isto é, em mostrar, em trazer para um aparecer a coisa como coisa” (HEIDEGGER, 2004, p. 202).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Benedito Nunes, crítico e filósofo paraense, destacou-se como leitor de Guimarães Rosa. Desde os primeiros contos e novelas publicadas pelo autor de Cordisburgo, Nunes mostrou-se sempre muito interessado pela ficção do autor diplomata. O crítico, munido de seu instrumental filosófico, que abarcava toda a história universal da filosofia, soube dramatizar a linguagem de Rosa, como fizera também com Clarice Lispector em *Clarice Lispector: o drama da linguagem*. Em *Prefácio* a obra *A Rosa o que é de Rosa: literatura e filosofia em Guimarães Rosa*, João Adolfo Hansen considera que Nunes “dramatiza tópicos que a filosofia propõe como questões fundamentais do pensamento, mas com outros pressupostos, meios e fins” (HANSEN, 2013, p. 25). Com Nunes, lemos Rosa pela via hermenêutica do pensamento, e pelo caminho da linguagem, encontramos de maneira híbrida todo um manancial platônico, como na via do “Amor” e pela “Alma”, temas tão caros à filosofia desse pensador grego, como é possível lê-se no ensaio *O Amor na obra de Guimarães Rosa*:

“Procuramos mostrar, neste estudo, que a tematização do amor, na obra de Guimarães Rosa, repousa principalmente nessa ideia mestra do platonismo.” (NUNES, 2013, p. 39). Do Amor platônico, por exemplo, Nunes operou o método hermenêutico, tão importante em sua carreira crítica, influenciado, sobretudo pelo mestre Paul Ricoeur, pois “o sentido de um texto não está por detrás, mas à sua frente” (RICOEUR, 2000, p. 99). Assim, “dramatizando conceitos de Platão, Plotino, Bergson e Berdiaev” (HANSEN, 2013, p. 30), é que devemos lê-lo em sua manifestação mais pura e filosófica. Para a poesia, Nunes mostrou-se ligado e pela filosofia convenceu-se que “a joia delicada e rica é o vigor velado da palavra, que, de maneira imperceptível e mesmo indizível, nos propicia a coisa como coisa” (HEIDEGGER, 2011, p. 188). Parodiando Leyla Perrone-Moisés, Nunes, é nossa joia Amazônica.

REFERÊNCIAS:

BIZZARRI, Edoardo. *Carta*. In: J. Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri. São Paulo: T.A. QUEIROZ/ Instituto Cultural Ítalo-brasileiro, 1981.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HEIDEGGER, Martin. *A Caminho da Linguagem*. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2011.

_____. *Ser e Verdade*. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2007.

HANSEN, João Adolfo. *Prefácio*. In: NUNES, Benedito. *A Rosa o que é de Rosa: Literatura e Filosofia em Guimarães Rosa*. Organização de Victor Sales Pinheiro. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013, pp. 23-23.

JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Editora Ática, 1994.

LIMA, Luiz Costa. *Por que Literatura*. Petrópolis: Vozes, 1969.

NUNES, Benedito. *Poesia e Filosofia: uma transa*. In: *Filosofia e Literatura. Uma relação Transacional*. Organização de Luiz Rohden e Cecília Pires. Ijuí: Editora Unijuí, 2009, pp. 17-36.

_____. *Guimarães Rosa quase de cor: lembranças filosóficas e literárias*. In: *A Rosa o que é de Rosa: Literatura e Filosofia em Guimarães Rosa*. Organização de Victor Sales Pinheiro. Rio de Janeiro: DIFEL, pp. 267-278.

_____. *A Matéria Vertente*. In: *A Rosa o que é de Rosa: Literatura e Filosofia em Guimarães Rosa*. Organização de Victor Sales Pinheiro. Rio de Janeiro: DIFEL, pp 169-195.

_____. *Literatura e Filosofia (Grande Sertão: veredas)*. In: A Rosa o que é de Rosa: Literatura e Filosofia em Guimarães Rosa. Organização de Victor Sales Pinheiro. Rio de Janeiro: DIFEL, pp 140-168.

_____. *De Sagarana a Grande Sertão: veredas*. In: Crivo de Papel. São Paulo: Edições Loyola, 2014, pp. 209-222.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Prefácio*. In: NUNES, Benedito. A Clave do Poético. Organização de Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 15-18.

PINHEIRO, Victor Sales. *Apresentação*. In: NUNES, Benedito. A Rosa o que é de Rosa: Literatura e Filosofia em Guimarães Rosa. Organização de Victor Sales Pinheiro. Rio de Janeiro: DIFEL, pp. 07-22.

RICOUER, Paul. *Do Texto à ação- ensaios hermenêuticos II*. Tradução de Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. Portugal: Rés- Editora, 1989.

_____. *Teoria da Interpretação. O discurso e o excesso de significação*. Tradução de Artur Morão. Lisboa, Edições 70, 2000.

ROSA, João Guimarães. *No Urubuquaquá, no Pinhém*. 11^a ed. Rio de Janeiro: Ediouro Passatempos e Multimídia Ltda, 2012.

_____. *Tutameia (Terceiras Estórias)*. 10^a edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2017.

SPERBER, Suzi Frankl. *Caos e Cosmos: Leituras de Guimarães Rosa*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1976.